

Jornal Económico
Quem é Quem
07-04-2017

Periodicidade: Semanário
Classe: Economia/Neócios
Âmbito: Nacional
Tiragem: 20000

Temática: Banca/Seguros
Dimensão: 650 cm²
Imagem: S/Cor
Página (s): 4

Editorial

Vítor Norinhal Diretor geral da Megafin SA



A segurança de um tweet não será possível a 100% para nenhuma figura pública e é aí que entram os novos ciberseguros para um eventual sinistro que pode começar num telemóvel de uma “estrela” conhecida.

Sustentabilidade e digitalização. Os desafios para os próximos anos

2017 é definitivamente um ano de grandes desafios para o setor segurador. Dificilmente se poderá priorizar os desafios, mas a evolução da indústria para um novo nível nas aplicações digitais na robótica e na utilização da inteligência artificial é uma das revoluções em curso. Depois temos a análise do setor segurador como estabilizador do sistema financeiro. José Figueiredo Almas, presidente da entidade de supervisão, realça o papel do setor em toda a estrutura financeira, mas também de forma transversal em toda a economia. Mas há outro papel relevado pelo presidente dos seguros, José Galamba de Oliveira: a credibilidade. Com efeito, o setor segurador passou os tempos da tormenta provocados pela crise financeira de 2008 e não gerou lesados, pelo contrário, respondeu com produtos de poupança de longo prazo e acautelou rácios de solvência em patamares saudáveis. Não há lesados nos seguros.

Mas é no digital que está o grande desafio dos próximos anos. A utilização da inteligência artificial na avaliação e sinistros e na prevenção da fraude é um dos temas fortes, assim como na utilização de blockchain como plataforma de troca de informações para melhoria da segurança das transações. E nos desafios surgem as Fintechs, ou melhor as InsurerTechs pois falamos do setor segurador. São startups que com agilidade respondem melhor às necessidades dos consumidores. Por enquanto, têm um peso residual mas ao longo dos próximos meses farão a diferença e para os seguradores tradicionais só pode haver uma resposta: terão de adaptar novas tecnologias e terão de comprar as próprias InsurerTechs. E, não menos relevante será a resposta ao mercado em termos de novos produtos, quer na área da saúde e vida, como na segurança. E aqui o tema do risco cibernético domina as vidas das empresas e dos particulares. Sabemos que o roubo de dados irá transformar-se em manipulação de dados e que todos teremos de assumir que já fomos “atacados”. E quem nos “ataca” informaticamente será menos rastreável e mais inteligente. As figuras públicas serão alvos privilegiados. A segurança de um tweet não será possível a 100% para nenhuma figura pública e é aí que entram os novos ciberseguros para um eventual sinistro que pode começar num telemóvel de uma “estrela” conhecida. Este é um tempo de criação de novas profissões para responder a novas necessidades.

E, por último não podemos esquecer que é a mediação o canal responsável por cerca de 60% dos negócios do ramo Não Vida. É uma força de vendas que seguradores e corretores querem devidamente integrada na indústria. O que sabemos é que a nova Diretiva da Mediação, a implementar até fevereiro de 2018, vai trazer exigências em termos de profissionalização da atividade, mas também vai trazer condições de igualdade concorrencial de funcionamento do mercado. Do lado dos segurados é esperado um novo comportamento, o que significa novas exigências perante os seguradores e a questão da literacia financeira neste setor tende a trazer uma maior consciência do risco, mas também a necessidade de poupança, os dois grandes conceitos que caracterizam o setor segurador. ■